



## O QUE É?

– *Se entendo bem, ser tolerante é ser gentil com os outros...*

– Não tão depressa! Se bastasse ser gentil, isso se chamaria gentileza, não tolerância... É claro que também se trata de ser condescendente com as crenças, os comportamentos e o modo de viver dos outros. Devemos parar de pensar que os outros são inferiores, desprezíveis e até perigosos apenas porque são diferentes de nós. Mas isso não basta. Se ficássemos nisso, seria vago demais e não seria de muita ajuda!

Em vez disso, proponho aprofundar a ideia da tolerância para entendê-la em seus detalhes. Se não a compreendermos bem, não poderemos aplicá-la. E ela não é gentileza, justamente. A gentileza é afável, suave, um tanto branda. Não é o caso da tolerância.

– *Então, qual é a diferença entre as duas?*

– Quando quer tratar alguém gentilmente, você procura agradá-lo. Por exemplo, oferece presentes, algo de que a pessoa goste, prepara uma surpresa, uma festa. Para ser tolerante, você não precisa de tudo isso. Não se trata de agradar os outros, mas apenas de deixar que sejam eles mesmos, não impedi-los de viver como vivem, de pensar como pensam.

– *Mas é ser um pouco gentil também, não?*

– Veja bem, penso que isso é bom, útil, mas que não é verdadeiramente gentil. A diferença está em agir ou não. Ser gentil, mais uma vez, é agir, estar bem-intencionado, mas também demonstrar isso e pôr em prática. Ser tolerante pode significar simplesmente não fazer nada, não magoar os outros, deixá-los viver.

– *Só isso?*

– Claro que não! Sugiro que você imagine agora a tolerância como uma cebola ou uma couve, com uma série de cascas, de camadas sucessivas. A primeira casca, o primeiro sentido talvez o surpreenda: trata-se de medicina.

– *O que isso tem a ver?!*

– Você vai ver, esse é o ponto de partida; em seguida, vamos dar outros passos. Tenho certeza de que já conhece, na verdade, esse sentido médico. Você pode tomar antibióticos?

– *Acho que sim...*

– Não tem alergia?

– *Não que eu saiba. Mas o que isso tem a ver? Qual a relação com a tolerância?*

– Agora você está me decepcionando! Se não é alérgico a antibióticos, o que o médico vai dizer? Que tem tolerância a eles! Ao falar isso, o que ele quer dizer?

– *Que eu os suporto facilmente.*

– É isso! Em medicina, diz-se que “toleramos” os medicamentos que nosso corpo pode suportar. Nesse caso, estamos falando da tolerância física, corporal. O médico também dirá que você não é intolerante aos antibióticos ou à aspirina. E esse vocabulário não serve só para os remédios, como você sabe.

Pode-se dizer que uma pessoa tem tolerância ou não ao calor, ao frio, ao sol ou a um alimento. E, nesse sentido, não são apenas os seres humanos e os animais que têm tolerâncias e intolerâncias. Também se diz que uma planta tem tolerância à falta de sol, o que significa que ela aguenta bem sem ele, que não vai murchar, mas que, ao contrário, vai desenvolver-se normalmente se for plantada à sombra.

– *Tolerar significa suportar?*

– Nesse primeiro sentido, sim. Aliás, em latim, é isso que o verbo *tollere* (com dois “l”) significa: “carregar” e, analogicamente, “suportar”, “resistir”. *Tolerantia*, para os romanos, queria dizer “resistência”.

É a qualidade daquele que suporta facilmente as provações, fadigas, dificuldades, esforços. Aqui se trata de “suportar” no sentido de não se sentir perturbado, incomodado, prejudicado.

Ainda hoje se pode dizer que uma pessoa é “tolerante” ao cansaço ou à falta de sono se a resistência de seu organismo lhe permite fazer um esforço grande sem se esgotar, ou ficar mais tempo do que os outros insone sem que isso a prejudique demais. Também se fala – e você já deve ter ouvido esta expressão – em “limite de tolerância”, ou seja, o limite daquilo que se pode suportar, seja um medicamento, o calor, a insônia...

Como vê, esse sentido médico diz respeito ao corpo dos seres humanos, dos animais e até ao corpo das plantas, que são organismos vivos, já que crescem, alimentam-se, reproduzem-se e morrem.

Será que você percebe uma diferença significativa entre esse primeiro sentido e a ideia que temos da tolerância em geral?

– *Não muito...*

– Nessa primeira definição, a tolerância é uma questão de vontade, de decisão?

– *Não!*

– Você está certo! Não se decide suportar ou não os antibióticos, não se decide ser tolerante ou intolerante ao calor. É mecânico. Depende do organismo, não da vontade.

Outro ponto não deveria passar despercebido. Se você é bem tolerante ao calor, por exemplo, não se sentirá desconfortável nem mesmo quando estiver muito quente. Mas isso tem a ver com os outros?

– *Claro que não, tem a ver só comigo!*

– Exato! Então, no sentido médico, quando se trata de tolerância orgânica, biológica ou corporal, não há nada a decidir. Essa tolerância não tem a ver com a vontade e, sobretudo, não tem a ver com os outros!

Já a tolerância que nos interessa é aquela que diz respeito à nossa vida em sociedade, com todos os outros, com nossas diferenças e divergências, é uma questão de relação entre nós. Ela não reside em um organismo, ela existe *entre* as pessoas, na maneira de se falarem, de se olharem, de se julgarem, no modo como se comportam umas em relação às outras. E é também uma questão de decisão, de vontade. É possível se exercitar para ser tolerante com os outros, pode-se aprender isso, pode-se treinar para isso.

– *Aprender a não ficar doente com os outros...*

– Com certeza! Eu não teria dito assim, mas você observou algo interessante, pois podemos, de fato, treinar para suportar as ideias, as crenças, os costumes, o comportamento dos outros. Podemos nos exercitar para não constrangê-los, para não impedi-los de viver de acordo com seus hábitos e suas crenças pessoais. Podemos também aprender

a não ficar chocados ou perturbados com o que é estranho ao nosso modo de ver e de agir.

Ser tolerante com os outros pode, portanto, aproximar-se, como você acaba de dizer, da tolerância no sentido médico: não se ficaria mais “doente”, perturbado ou confuso porque os outros vivem de um jeito diferente do nosso. Essa aproximação não é tão surpreendente, pois, se empregamos a mesma palavra, é porque existem pontos em comum entre a tolerância médica e a tolerância social. No entanto, são duas ideias distintas.

– *Era isso que você chamava de camadas diferentes?*

– Exatamente. Já temos duas camadas de nossa cebola. Em primeiro lugar, a definição médica e biológica da tolerância: o que se pode suportar, mas sem escolha voluntária, sem relação com os outros. Em seguida, a definição social: o exercício de suportar as ideias, crenças e comportamentos dos outros para organizar as relações entre todos nós.

– *Há mais camadas?*

– É claro. Nessa tolerância entre nós, há intensidades muito diferentes. Eu diria que existe sobretudo uma tolerância fraca e uma tolerância forte, e que elas não se parecem muito. É um ponto essencial. Para compreender bem, imagine a seguinte situação:

Um de seus amigos quer dar uma opinião. Ele quer dizer o que pensa de uma decisão toma-

da pelo governo, por exemplo. Nós dois sabemos, você e eu, que ele não compartilha absolutamente nada das nossas ideias. Mas decidimos ser tolerantes e lhe damos a palavra. Imagine que digamos a ele: “Decidimos tolerar que você nos acompanhe e vamos tolerar que você fale.” Você não acha que seria uma maneira curiosa de apresentar as coisas?

– *Não é muito gentil!*

– De novo, a gentileza... Acho que se trata mais de um modo de manifestar nosso poder.

– *Por quê?*

– Porque seria como dizer: “Permitimos sua presença, mas nada nos obriga a isso. Permitimos que você fale, mesmo que não tenha a mesma opinião que nós, mas somos nós que lhe damos essa permissão.” Na verdade, é uma autorização provisória, temporária, que depende unicamente de nossa boa vontade. Poderíamos decidir suspendê-la, não deixá-lo mais falar, não convidá-lo. Na realidade, somos nós que mandamos! Aceitamos que ele fale, permitimos que se expresse. Toleramos sua presença e suas declarações, mas isso é o que chamamos de tolerância fraca.

– *Por que “fraca”?*

– Porque essa forma de tolerância se parece com indulgência. É um tipo de condescendência, de presente que damos. Temos o poder de não convidar

essa pessoa, poderíamos proibi-la de falar em nosso ambiente, mas decidimos suspender essa proibição, autorizamos sua presença, sua fala. Mas perceba que estabelecemos nossas condições, de acordo com nossas decisões. Toleramos porque podemos proibir, porque temos poder para isso e o mantemos.

– *Você quer dizer que somos nós que lhe damos permissão?*

– Sim, e essa permissão é frágil, precária. Podemos suprimi-la, já que ela só depende de nós.

Outro exemplo esclarecerá os limites dessa tolerância fraca. O código de trânsito proíbe o estacionamento de veículos de duas rodas na calçada. Oficialmente, motocicletas, mobiletes ou bicicletas não podem estacionar ali. Prevê-se até multa para os infratores, mas esse estacionamento é tolerado. Em Paris, por exemplo, ele é tolerado até mesmo oficialmente, por uma circular administrativa: se não atrapalhar, não será multado.

Mas, pensando bem, esse estacionamento tolerado na calçada é algo esquisito. É permitido? Não realmente, senão bastaria dizer: estacionamento autorizado. É proibido? Tampouco. Na verdade, só não é multado! Não é permitido, mas ainda assim se pode estacionar, ele é tolerado!

– *E então?*

– Estamos numa zona cinzenta, uma área intermediária entre o que é autorizado e o que não é. Es-



tacionar um veículo de duas rodas na calçada não é totalmente legal. Não se tem o direito – pleno – de fazer isso. Ao mesmo tempo, se estacionarmos nossa motocicleta ou bicicleta nesse local, e se ela não atrapalhar ninguém, não seremos multados. Não é permitido, mas nos deixam agir assim. É proibido, mas não vamos ser punidos. Essa zona cinzenta não lhe parece estranha?

– *Sim, mas de onde ela vem?*

– Ela vem de um poder de proibir, mas se decide não fazer uso dele. É a mesma história do seu amigo que “toleramos” e que convidamos a falar, ainda que pudéssemos mandá-lo embora ou deixar de recebê-lo. Se esse estacionamento é apenas “tolerado” na calçada, é possível suspender essa autorização temporária e restabelecer as multas, já que ele não é permitido. Se a polícia começar a multar, essa tolerância está acabada.

O que é estranho, nessa tolerância fraca, é a sua existência precária, frágil. Ela depende da decisão daqueles que detêm a autoridade. Eles optam por não proibir, não reprimir e, portanto, tolerar, mas isso continua sendo provisório.

Você já ouviu a expressão “tolerância zero”. É empregada quando se aplica a lei sem abrir exceções, sem suspender nenhum processo ou sanção. Mas a maior parte do tempo isso é só uma fórmula. Decide-se não sancionar tudo.

– *Por que aqueles que detêm o poder optam por isso?*

– Por várias razões. Ou porque não têm meios para aplicar de fato a lei, ou não querem ficar impopulares, ou gente demais burla a lei, ou tudo isso ao mesmo tempo! Por isso, por exemplo, tolera-se a prostituição, o consumo de maconha ou a pirataria de filmes.

Como você vê, essa tolerância pode ser um sinal de indulgência, de complacência, mas também de fraqueza, de impotência, até de covardia.

– *Existe outra tolerância?*

– Sim! É simplesmente o direito (de falar, de estacionar etc.), isto é, uma total liberdade, reconhecida, inscrita na lei, respeitada por todos. Para que você veja bem que se trata de outra coisa, proponho voltarmos ao seu amigo, aquele que não compartilha das nossas ideias. Se ele perguntar “Será que eu posso ir e participar da festa que você está preparando?” e nós respondermos “Sim, você pode vir, vamos tolerar sua presença”, fica claro que ele não é realmente convidado. Não vamos expulsá-lo, mas não o recebemos de verdade. Continua a mesma zona cinzenta: nem convite, nem exclusão, a presença dele tem uma permissão temporária, uma existência reduzida, diminuída, enfraquecida.

Se seu amigo, ao contrário, tiver o direito de estar presente e de se expressar, então não precisará da sua permissão para participar! Você de-

verá reconhecer o direito que ele tem, e ele poderá fazer uso desse direito, podendo ir ou não à festa, e dizer o que quiser, mesmo que não sejam iguais às suas ideias, mesmo que você não goste do que ele fale.

Eis o que é a tolerância forte: reconhecer aos outros o direito de pensar o que pensam, ser o que são, fazer o que fazem. Ou seja, quando toleramos assim, de maneira forte e plena, o que uma pessoa faz, isso significa que reconhecemos sua liberdade total de fazer o que ela quiser, quer se trate de praticar sua religião ou qualquer outra coisa, mesmo que não concordemos com ela.

Em outras palavras, se você der provas de tolerância “forte”, poderá dizer a uma pessoa que ela tem todo o direito de expressar seus pensamentos mesmo que você não concorde com eles, o direito de praticar sua religião mesmo que você tenha outra ou nenhuma, o direito de comer ou de se vestir como bem entender mesmo que você não goste de suas roupas ou de sua comida.

Não se trata absolutamente de “gostar” do que os outros fazem ou do que pensam, mas de “respeitar” seu modo de vida. Essa tolerância deve permitir que aquele ou aquela diante de você não fique inquieto, não se sinta impedido de levar a vida conforme suas próprias convicções ou costumes. Esse é o princípio. Parece-lhe claro?

– *Sim, bem claro. Tenho o direito de viver do meu jeito, os outros também. Assim funciona para todo mundo!*

– Exato! Mas talvez tenhamos nos enganado...

– *Como assim?*

– Quase sempre, quando tudo parece muito simples, é porque não se observou bem... O que dissemos até agora não está errado, mas parece incompleto. Faltam ainda muitos elementos. E, ao descobri-los, corremos o risco de tropeçar em novas dificuldades.

– *Será?*

– Sim, e isso bem que pode começar já... Você concorda com a ideia de que a tolerância que chamamos de “forte” é o direito que cada um tem de falar, pensar, viver de acordo com suas convicções?

– *Concordo, sim, acabei de dizer, e você também!*

– É verdade. No entanto, essa afirmação tem uma dificuldade real; ou seja, se é um direito, nada mais precisa ser tolerado!

– *Como assim?*

– Se tenho direito de falar, circular, praticar a religião que eu quiser etc., posso exercer esse direito, ele é reconhecido. E você não precisa tolerar ou não tolerar o que faço, já que tenho direito de fazer! E, reciprocamente, quando você exerce seus direitos, não tenho de tolerar ou não o que você faz, pois você tem todo o direito de agir assim.

Relembre a questão do estacionamento. Se os veículos de duas rodas tivessem o pleno direito de estacionar na calçada, não se poderia mais dizer que isso é tolerado, visto que seria totalmente permitido!

Esta é então a dificuldade: quando se tem direito, parece que a tolerância se torna inútil...

– *E como se sai disso?*

– Retrocedendo um pouco. É possível que tenhamos avançado rápido demais ou ido longe demais sem nos darmos conta.

Não estávamos satisfeitos com a tolerância “fraca”, essa zona cinzenta entre proibido e autorizado, onde se deixa agir sem que seja realmente permitido.

Então, procuramos imediatamente a tolerância mais forte possível, aquela que dá a cada um o direito de viver com suas diferenças. Foi sem dúvida nisso que fomos longe demais, já que vemos que a tolerância, nesse caso, não serve de nada. Na verdade, se a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* fosse inteiramente aplicada, tudo indica que a tolerância se tornaria inútil.

– *Você pode explicar? Não estou entendendo bem.*

– Este debate é antigo. Poderíamos chamá-lo de “tolerância ou liberdade”. Você compreendeu bem, em nossos exemplos de tolerância “fraca”, que ela revela uma dominação, um poder. Você tolera que uma pessoa venha à sua festa, mas pode mudar de opinião, pois ela não é realmente convidada. Isso está claro?

– *Sim, totalmente claro. O que eu não entendo é por que um direito torna a tolerância inútil...*

– Então, vou repetir: se a pessoa de que falamos tem todo o direito de vir à sua festa, se tem essa liberdade garantida pela lei, então você não tem mais nenhum poder sobre a presença dela, você não tem de tolerá-la ou não, ela faz o que quiser! Dentro dos limites da lei, é claro. Ela não pode insultar você ou estragar sua casa, isso é evidente. Mas é ela quem decidirá ir ou não à festa, e não você. Se ela tem direito, liberdade de ação, você não tem de tolerar ou deixar de tolerar nada, isso “não se aplica”.

Afirmar que esse debate “tolerância ou liberdade” é antigo. Ele remonta à Revolução Francesa. Não é tolerância que eu reivindico, é liberdade, dizia Rabaut de Saint-Étienne, em agosto de 1789. Os deputados da Assembleia Constituinte discutiam o artigo 10 da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, que trata da liberdade religiosa, de crença e de culto. O termo “tolerância” tinha sido proposto em referência aos éditos de tolerância que autorizavam os protestantes a terem seus próprios templos e a professarem seu culto. Rabaut de Saint-Étienne, protestante, rejeita esse termo, preferindo falar de liberdade porque não quer ser apenas “tolerado”, ele quer ter o direito de praticar sua religião. A tolerância, diz, é uma “palavra injusta, que nos representa apenas como cidadãos dignos de piedade, como culpados que são perdoados”.

– Entendi! Se todos os seres humanos são livres e iguais, todos têm os mesmos direitos. Então a tolerância não serve de nada!

– Você entendeu perfeitamente o princípio. Mas, sinto muito, ainda não resolvemos a questão. Mais uma vez, fomos rápido demais. Na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, reconhece-se a cada ser humano a liberdade de expressão, de circulação, de religião etc. Cada um vai poder – em princípio – se expressar como quiser, mudar de país, ter, não ter religião ou escolher outra etc.

Deve-se esclarecer ainda que essas liberdades não devem destruir umas às outras: você não pode, por exemplo, utilizar sua liberdade de expressão para proibir os outros de falar! A regra fundamental das liberdades individuais é que não devem prejudicar umas às outras.

Como você bem viu, nesse sistema de direitos e liberdades para todos, a tolerância não parece mais necessária. A convivência das ideias, dos modos de viver e dos costumes está assegurada. Tais modos são bem diferentes, não são necessariamente compatíveis entre si, nem sempre se harmonizam bem, mas os seres humanos supostamente podem conviver sem disputas, porque cada um tem o direito de levar sua vida como bem entende, desde que não impeça os outros de viverem a sua.

Nesse sistema de direitos universais, a tolerância parece não ter mais razão de ser. Ela é substituída pelas liberdades que cada um tem e pode exercer.

– *Então, a questão está resolvida?*

– Em princípio, sim! Poderíamos até mesmo afirmar que os Estados modernos, aqueles que surgiram após a Revolução Francesa, nos quais todos os cidadãos são iguais, e uma Constituição democrática garante suas liberdades (de expressão, de religião, de circulação etc.), tornam a tolerância inútil. De fato, como você compreendeu, a tolerância parece não ter mais razão de ser.

– *Por que “parece”?*

– Porque há um problema...

– *Qual?*

– Você não percebeu?

– *Não, na verdade, não...*

– Trata-se de princípios, não forçosamente de realidades. É claro que boa parte dos países do mundo faz o máximo para que a realidade diária se aproxime tanto quanto possível desse ideal universal. Mas quase sempre se está longe disso.

A liberdade de expressão é reconhecida e proclamada, mas algumas pessoas sempre encontram mais dificuldade de se fazerem ouvir do que outras. A liberdade de circular é declarada e oficial, mas na prática frequentemente sofre entraves. A liberdade de crença religiosa é reconhecida, mas ainda existem muitas desigualdades e injustiças nisso também.



Nos princípios, todos os seres humanos são livres e iguais em dignidade e direitos. Se isso fosse verdade sempre, em qualquer lugar e tempo, a tolerância, você disse bem, não teria mais razão de ser. Mas você também sabe, basta olhar ao redor que frequentemente vemos racismo, desprezo, ódio aos outros, hostilidade ou desconfiança.

Observe o que acontece todos os dias em uma sala de aula. Em princípio, todos os alunos têm os mesmos direitos e as mesmas obrigações. Não há discriminação no regimento interno da escola. Mas basta que a pele de alguns alunos seja de uma cor diferente dos outros, ou que tenham cabelos ruivos, ou que sejam estrábicos, ou que tenham orelhas grandes ou uns quilos a mais... para que uma parte da turma não suporte essas diferenças. E se debochará desses alunos, serão assediados e insultados de modo totalmente injusto.

Nesse caso, a tolerância é novamente importante, volta a ser útil e até indispensável. O que mostra bem que a questão de sua existência não está resolvida! A tolerância não se tornou inútil. Ela é necessária até mesmo nas sociedades em que as liberdades são reconhecidas e garantidas, porque sempre há o risco de indivíduos e grupos, assim como os alunos em uma sala de aula, se confrontarem ao invés de se entenderem, ou simplesmente se suportarem. As liberdades existem, mas a tolerância mantém, portanto, sua razão de ser.

– *Qual das tolerâncias agora? A fraca?*

– Não necessariamente. Uma outra, que exige de cada um de nós um trabalho interior, uma reflexão sobre seu próprio lugar em relação ao dos outros. Não se trata mais de demonstrar o próprio poder, mas de pôr em prática, concretamente, as liberdades. Porém, para captar bem essa ideia, vamos precisar avançar mais um pouquinho. Antes de dar uma parada, sugiro uma última pergunta. Em sua opinião, ser tolerante significa fazer alguma coisa?

– *Tenho a impressão de que se deve simplesmente deixar os outros viverem ao invés de impedi-los.*

– Muito bem, mas deixar agir, deixar existir... Será que isso é uma ação?

– *Não... Engraçado, não parece uma ação!*

– De fato, uma particularidade da tolerância é ser, de certo modo, uma “inação”. Ao invés de impedir os outros, eu os deixo fazer o que quiserem. Ao invés de proibir, tolero, isto é, permito de certo modo. No entanto, não preciso dar permissão, basta que eu... não faça nada! A tolerância é, portanto, uma não ação, uma ação suspensa, interrompida. Há algo de muito particular nisso. Finalmente, poderíamos quase dizer que o melhor a fazer é não fazer nada...

– *Gosto disso!*

– Bem que eu achava! Brincadeiras à parte, a tolerância tem efetivamente uma relação particu-

lar com a ação. Em seu registro fraco, significa não punir, não sancionar, não perseguir judicialmente, não censurar etc. Em resumo, não se trata de agir, mas de se abster de reprimir, de deixar existir. E, num registro mais forte, mais construtivo, trata-se de conter a agressividade, banir o ódio ou o desprezo, não vexar ou humilhar. Aqui há ação, mas ela se contenta em apagar o que é negativo!

Acredito que nós avançamos. Mas ainda temos um bom caminho pela frente antes de entender bem tudo. Proponho uma pausa.

### LEMBRE-SE

- Tolerar quer dizer "suportar".
- A tolerância médica é corporal, involuntária e individual.
- A tolerância social se situa *entre* as pessoas. Opta-se por ela e ela é exercida.
- Tolerância "fraca": o poder não sanciona o que é proibido.
- Tolerância "forte": a liberdade é reconhecida, é direito do homem.
- A tolerância parece ser uma ausência de ação.